
Inocência
e Malícia
Thomas Dias

Copyright © 2023 de Thomas Dias Todos os direitos reservados.

proibida a reprodução total ou parcial desta obra de qualquer meio eletrônico, mecânico e processo xerográfico, sem a permissão do autor. (Lei 9.610/98).

O poema inserido é de propriedade intelectual de Myumii Fox, a qual concedeu permissão para utilização nesta obra.

Esta é uma obra de ficção. Todos os nomes, lugares e acontecimentos retratados aqui são fruto da imaginação do autor.

A história a seguir é inspirada no audiobook “The Lights Fading”, de Myumii Fox. Disponível para ser escutado gratuitamente através do canal do youtube da criadora: https://www.youtube.com/@MyumiiFox. Ou acesse o link a seguir para conferir o prólogo: https://www.youtube.com/watch?v=1xqEJZquBNA&t=10.

Esta história é uma transcrição livre do poema, trazendo sobre o mesmo uma nova interpretação diferente da inicial. Determinadas características fazem referência a obra que o inspirou, mas a compreensão total do texto independe de qualquer conhecimento prévio.

Ainda assim, peço encarecidamente que confiram o audiobook pelo canal da criadora.

Um coelho, sozinho na campina longe
de todos a brincar; Suas orelhas se
levantam
Ao som de um galho ao se quebrar;

As doninhas riem alto ao
se aproximar;
Suas brincadeiras são bruscas difíceis de
suportar;

Nos arbustos ao longe um
olhar indiscreto;
Um coiote ocioso dando um
sorriso incorreto;

Ao anoitecer, as doninhas demonstram
seu decreto;
As pernas do coelho isso
agora é secreto.

Por Myumii Fox.

Inocência e Malícia

Eu estava deitado na grama, descansando no meio do dia. O sol banhava meus pelos por entre as copas das árvores altas que abrigavam diversas aves que piavam e cantavam alegremente celebrando sua vida. O vento suave era refrescante em meio ao calor do verão que havia começado não há muito. Era calmo e relaxante, mas apenas uma tarde, uma como outra qualquer, em que eu me repousava e esperava a noite para me alimentar.

Em meio aos diversos sons ao meu redor, eu a ouvi chegando de longe, e resolvi ignorá-la, mantendo meus olhos fechados e imóvel.

Ela veio com a pompa de sempre, não precisava nem olhar para saber, era a rotina de sempre. Balançava sua cauda felpuda agitadamente, com aquele sorriso cínico estampado no focinho, as grandes orelhas, frenéticas, captando qualquer som que viesse, o pelo vermelho lustroso era inconfundível no meio do verde do bosque.

A Raposa se achegou e sentou-se próximo a mim, abri levemente um dos olhos, observando o animal. Ela começou a se limpar, seus dentes estavam sujos, provavelmente de alguma fruta, mas eu não perguntei a respeito, não estava interessado pois não era da minha

conta. Fechei o olho e segui deitado quieto na minha, aproveitando o silêncio e a tranquilidade. Uma pena que o pequeno canídeo de pelo avermelhado não pensava assim.

— Que cara feia é essa? Tá com fome por acaso? — Disse dando uma risadinha como sempre.

Ignorei, talvez se eu fingisse estar dormindo ela me deixaria em paz, mas ela só prosseguiu com a tentativa de contato, repetindo a pergunta e me farejando incessantemente, me forçando a, eventualmente, respondê-la.

— Acha mesmo que se eu estivesse com fome, você estaria aí parada? — Rosnei em resposta. Pequeno animal insistente, eu só queria um pouco de sossego, assim, virei minha cara para o outro lado. — Essa é minha cara normal, agora quieta. — Disse com firmeza, não que fosse funcionar.

— Cruzes, quanto desamor a vida. — Retrucou a Raposa, descontente com a resposta, e caminhando até onde pudesse me encarar. Ela estava entediada, e queria companhia, assim, me rendi ao desejo dela e comecei a me levantar, já que ela não iria embora mesmo.

— Desamor? Isso nem existe. — Disse me espreguiçando e bocejando.

— Existe sim, e caso não exista eu invento agora.
— Disse com mais uma leve risada.

— Claro que inventa. — Respondi e então comecei a caminhar, me afastando vagarosamente do pequeno animal tagarela.
— Você sempre tem uma saída para tudo não tem?

Ela começou a caminhar atrás de mim, me seguindo e murmurando ao meu respeito. Não me

importando com ela, mas ainda alerta, pude ouvir alguns resmungos do animal.

— ... mau humor, se é a cara dele, então é feia de nascença...

Entre algumas frases e risadas abafadas, pude ouvi-lo se aproximando mais subitamente. Já sabendo o que ia acontecer, virei-me de uma vez só e avancei para cima de minha indesejada companhia, interrompendo seu pulo já armado para cima de mim. A reação dela foi imediatamente recuar guinchando de medo. Parei quase em cima da Raposa, rosnando, dentes à mostra, como ameaça, ela estava abaixada com as orelhas para trás, costas arqueadas e os pelos eriçados. Eu não tinha pretensão de machucá-la naquele momento, então após alguns instantes, dei meia volta e me afastei, ela não tentaria novamente por um tempo.

— Você vai acabar morrendo um dia desses se continuar assim. — bufei enquanto me virava de costas para o animal.

— Claro, sua falta de senso de humor vai me matar. — Retrucou agressiva, ainda afastada, mas acompanhando meu caminhar. — Era apenas uma brincadeira...

— Exatamente! — Exclamei interrompendo-a e subindo em uma rocha mais a frente. — Sempre uma brincadeira. Você *brinca* demais. Isso é um risco para sua própria existência, sabia? E de quebra, para a minha também. — Disse me virando na rocha e me deitando de frente para a Raposa, apenas para observar mais um sorriso cínico.

— Ah... então você está preocupado com minha existência... — Disse, rindo novamente por um momento. Apertei minhas garras na rocha em

desaprovação, fazendo cair pequenos cascalhos, que calaram a boca do animal subitamente.

Ela se deitou próximo a rocha e começou a se lamber, despreocupada, relaxada.

Não era como se eu a detestasse, a companhia dela não era a pior coisa do mundo. Eu não tinha matilha, era apenas eu, um coiote solitário que batalhava a cada dia para chegar ao próximo, então de vez em quando ouvir uma voz que eu tinha certeza de que não queria me atacar desprevenido era consideravelmente reconfortante, podia ficar despreocupado com ela por perto. Era na verdade uma questão de inteligência, mesmo que quisesse, a Raposa não me venceria, então nunca vi problema em deixá-la por perto. Mas sua dessemelhança em relação a forma como eu vivia era bem irritante, ela parecia não se importar com nada, e isso me dava nos nervos.

Por essa razão, nunca entendi o porquê de ela ter se juntado a mim. Já faziam alguns meses desde que ela apareceu pela primeira vez. Enquanto bebia água em um riacho, nossos olhares se cruzaram, a Raposa sorriu e eu me afastei, mas ela me seguiu. E desde então, ela era uma adição constante aos meus dias, voltando a cada novo que passava, tagarelando e me seguindo por todo lado.

O que realmente me incomodava era o descaso que ela aparentava ter com sua própria vida. Ela andava sozinha por opção e era desatenta, além de brincar demais em qualquer situação. Como poderia um ser pequeno e frágil ser tão descuidado assim? Isso me irritava e eu já havia tido discussões com ela a respeito disso, e todas terminaram sem uma resolução. Ela era muito cabeça dura, e não tinha pretensão nenhuma de

mudar de atitude, fazia graça constantemente e desviava do assunto como se fosse a coisa mais banal do mundo.

Neste ponto, eu me importava. Afinal minha vontade era de provar meu argumento e fazê-la reconhecer seus erros. Até porque, andando comigo, essa desatenção me colocava em risco também.

No meio dos bosque, a sinfonia de pássaros criava uma melodia interminável, voando alto e conversando entre si e cantando. Criaturinhas fascinantes na minha opinião.

Quando eu ia deitar minha cabeça novamente meu olhar captou um movimento rápido e sutil. Levantei a cabeça e procurei, não vi nada, farejei e nada também. Parei para ouvir mais atentamente e ouvi um canto anormal, quase inaudível assim como seu emissor. À direita, em uma árvore com vinhas e flores amarelas, havia um pequeno beija-flor de penas verdes coletando sua comida das flores, discreto e silencioso. Tão rapidamente quanto apareceu, sumiu na direção que ia. Observei o local por instantes e antes de me deitar novamente chequei primeiro a Raposa, inabalável, ela nem percebeu o pássaro. Então olhei para a direção de onde ele veio, provavelmente não teria nada, mas cuidado não era demais. Analisando a paisagem notei próximo a raiz de uma árvore uma coisa incomum, uma toca de coelho. Vazia, provavelmente já abandonada.

Foi então que, do nada me lembrei de uma situação que havia acontecido comigo há algum tempo. Uma situação que a Raposa ainda não sabia. E era perfeita. Ela ilustrava muito bem a situação e talvez conseguisse mudar a linha de pensamento dela. Eu a encarei, me perguntando o porquê de eu não ter me lembrado disso antes, mas não me importei e

interrompi sua nova onda de resmungos enquanto se limpava.

— Quer ouvir uma história?

— O que? — Exclamou, as orelhas se remexendo enquanto ela me encarava de volta. Interesse estampado claramente no focinho. Afinal, ela nunca ouviu nada assim vindo de mim. — Uma história?

Ela aparentava confusa e até mesmo assustada, como se não acreditasse no que estava ouvindo.

— É, uma história. — Respondi em um tom amigável. — Eu acabei de me lembrar de uma história que acho pode te interessar.

— Sei que você não sabe se divertir... — Demonstrava desconfiança na voz agora. — Então qual é a pegadinha?

Apesar das piadas, ela era bem astuta quando realmente a interessava, mas apenas em momentos muito específicos. Mas dessa vez não tinha pegadinha nenhuma, apenas a história.

— Não tem pegadinha nenhuma. Quero apenas contar uma coisa que aconteceu há um tempo atrás. Acho que pode gostar, ou não também. — Cruzei as patas dianteiras. — Mas só vai saber se ouvir.

Eu sabia que ela não ia resistir. A Raposa era curiosa, curiosa até demais. Isso era outra coisa que me incomodava, mas nesse caso ia ser útil. Após algum tempo pensando, a criaturinha avermelhada bufou, se aproximou e se sentou em frente a rocha.

— Tá bom. Pode contar, sou todo ouvidos.

Assim, em meio a um sorriso aparente, eu comecei minha anedota.

Não faz muito tempo, eu frequentava um bebedouro em uma clareira. Não sei exatamente onde ela fica hoje, mas não importa também.

Era um lugar pacífico. Bem aberto e circulado por árvores que geravam uma sombra fresca, boa de se deitar. A grama era verde e o lago era um desaguar singelo de um rio de águas geladas, uma formação rochosa se erguia na lateral, também embaixo de algumas árvores, e nela, eu me deitava e passava minhas tardes. Por dias e dias, indo me refrescar e me deitar, eu vi variados animais chegarem para saciar sua sede também, e então irem embora, de grandes a pequenos. O bebedouro era o lugar ideal para um descanso rápido e a maioria apenas fazia isso, eu mesmo era um. Era monótono e quieto, eu observava os grandes predadores, roedores, aves, anfíbios e qualquer criatura que passasse por ali, nenhum deles se atacava, nunca.

Por isso, era bem monótono, mas agradável passar as tardes ali. Até que certo dia um animal em específico chamou minha atenção.

Uma vez, em meio a bandos e grupos de animais variados, captei ao olhar em um ponto afastado um pequeno coelho branco. Solitário, ele saiu do meio da mata em silêncio e com confiança avançou até o lago, parou e se refrescou. Aquilo tudo sem pressa e sem medo, ele apenas bebia sua água despreocupado. Após alguns minutos, depois de saciar sua sede e descansar um pouco, ele retornou para a floresta de onde havia saído.

Foi uma situação interessante, no mínimo anormal. Eu já tinha visto coelhos naquele bebedouro, dezenas deles, na verdade. Mas nunca algum sozinho. Eles sempre andavam em bando, tendo em vista seu

tamanho mínimo e a incapacidade de lidar com um predador a não ser que fugissem em um grupo grande, então eles se separariam e confundiram sua presa.

Mas não aquele coelho.

O pequeno roedor alvo, com olhos negros como a noite, estava só, completamente só, sem nenhum outro dos seus o acompanhando. Isso era incomum, será que por algum motivo ele não tinha ideia do perigo que isso representava? Ele estava não somente à vista por estar sozinho, mas também se aventurando sem cautela em um ambiente que servia de passagem para dezenas de animais todos os dias, todas as horas. O bebedouro nunca estava vazio, sempre tinha mais alguma criatura se refrescando lá, eu próprio era um exemplo, e apesar de ser um lugar neutro, isso não passava de um acordo silencioso entre os frequentadores do local, mas nem sempre havia comida, e animais, tem esse nome por um motivo.

Não passava pela minha cabeça o motivo da decisão do coelho, então, assim como todo o resto, resolvi relevar. Provavelmente havia sido um evento isolado. Assim o dia se passou, e conforme fazia sempre me recolhi para voltar na tarde seguinte. Eu sempre passava as tardes lá, era fresco e eu não gastava energia. Sempre gostei de observar os arredores e aquela minha posição de vantagem me permitia facilidade para saber do que acontecia em meu entorno. Assim eu fiz e retornei no dia seguinte. Mas o coelho não saía da minha cabeça.

Talvez fosse instinto, ele era uma presa, se eu não estivesse descansando aquela hora, em outra situação eu pularia em cima dele sem pestanejar, mas não o fiz, de nada me interessava um pequeno coelho, pelo menos

não o suficiente para que eu gastasse energia com o mesmo. Ainda assim me perguntava o porquê daquilo ter acontecido, talvez ele também não tivesse mais bando, talvez ele tivesse sido rejeitado. Eram tantas possibilidades e eu morreria na curiosidade de entender a situação. Ou pelo menos foi o que eu pensei, uma vez que, para minha surpresa, o coelho havia retornado.

Era uma situação inusitada, o animal não ficou contente em ter sobrevivido a um desafio à sua sorte, ele estava disposto a continuar daquela forma, praticamente com uma faca na garganta. Era quase cômico, e o fim, já estava certo, cedo ou tarde, a "sorte" do coelho iria acabar. Aquilo despertou totalmente minha curiosidade e com isso eu passei a observar o roedor dia após dia.

A cada novo crepúsculo, o interesse pela situação aumentava, a ansiedade latente vinda do retorno do coelho à sua toca em algum lugar na floresta era intensa, e a cada novo raiar, o anseio pela nova visita do animal no bebedouro. Observá-lo era tudo que fazia, inquieto, curioso a respeito do que aconteceria, apesar da monotonia, que, cedo ou tarde, acabaria.

Eu ia, me deitava, o coelho ia, se refrescava, descansava e saía. Essa foi minha rotina por dias, apenas eu e o coelho, afastados, mas vivendo aqueles dias juntos. Eu tive a impressão de que ele havia me olhado de volta algumas vezes, mas ainda assim, não mudou sua atitude, mesmo sabendo que eu o vigiava. Era realmente muito curiosa a situação, e ficou ainda mais quando eu comecei a reparar nos arredores do bebedouro.

Por volta do mesmo horário que o coelho solitário aparecia, às vezes um pouco antes, durante ou até mesmo depois que ele passasse, chegava um outro grupo de coelhos, um bando. Eles se pareciam muito com o

pobre roedor que sempre estava isolado. No começo eu cogitei ser o bando dele, não que eu tenha descartado a ideia, até hoje imagino que, pelo menos em algum momento eles viveram juntos, mas naquele período, naquele bebedouro, por algum motivo, o coelho solitário nem sequer se aproximava do bando. Eu me perguntei o que poderia ter acontecido, era justificável se ele estivesse doente, mas ele ia e vinha por dias e dias e não aparentava ter uma piora na sua agilidade ou saúde, pelo menos nada aparente. Talvez ele estivesse doente antes e tivesse melhorado, mas era pouco provável, nesse caso o que tinha acontecido? Talvez a irracionalidade tenha oficialmente subido à cabeça do bando. O fato era que, independentemente de sua relação antes, agora eles eram indiferentes, o bando e o coelho.

Era simplesmente a coisa mais anormal que eu já vi. Na natureza, a vida em comunidade é essencial, a falta disso era a certeza do proveniente fim daquele que está só.

E não que eu gostasse de estar certo, apesar de gostar, mas confirmando meu ponto, eu as vi longe, encarando o coelhinho. Em contraponto ao bando, com a malícia estampada em seus focinhos. As pequenas doninhas.

Pequenos seres esguios e risonhos, inteligentes caçadores, eu quase nunca avistava uma, e quando eu o fazia, elas geralmente fugiam, correndo por suas vidas. Não que elas fossem meu alimento favorito, mas em uma situação de necessidade eu não tinha preferência, com fome, eu iria atrás de qualquer presa quando visse a oportunidade, e as doninhas sabiam disso. Na verdade, todos nós sabíamos, era quase um consenso, mais um acordo silencioso firmado entre toda criatura, *aqui, é*

matar ou ser morto. É a lei natural das coisas, assim como o bebedouro era terreno neutro, e não havia perseguições ali, os arredores eram uma zona de caça assídua.

As doninhas observavam o coelho de longe, escondidas entre as folhas. Eu não percebi quando elas apareceram ou a quantos dias essa rotina se mantinha, como poderia? Eram apenas minúsculos roedores, que não me fariam mal, duvido que elas tivessem essa coragem de avançar para cima de mim. Uma pena que o coelho não teria tanta sorte.

Elas cochichavam entre si, faziam gracejos misteriosos, mas acima de tudo, elas riam. Estavam em três, um pequeno bando novamente, observando e ambicionando o coelho solitário, de forma óbvia. O coelho, porém, parecia não notar a presença dos traiçoeiros caçadores, e se mantinha indiferente com a situação, assim, ao término de sua rotina no bebedouro, o coelho adentrou a floresta e sumiu, não muito tempo depois as doninhas fizeram o mesmo.

Assim se deu início a rotina mais anormal que eu já vivi na vida, passar o dia observando um coelho e três doninhas, era quase patético. Dia após dia, após me alimentar, eu ia e me deitava na pedra, não muito tempo depois o coelho chegava e logo após as doninhas, depois cada um ia para seu próprio canto. Foi após alguns dias que eu percebi então que tinha mais uma coisa acontecendo. Conforme os dias se passavam, as doninhas apareciam cada vez mais.

No começo, elas ficavam apenas ao longe, escondidas nos arbustos. Mas a cada novo amanhecer elas se aproximavam do coelho sozinho. A cada dia chegavam mais perto, como se estivessem tomando

coragem para algo, como se estivessem com medo de algo, a cada dia rindo, conversando entre si, e, apesar de eu ter uma noção do que poderia acontecer, me perguntava o que aquelas criaturinhas estavam tramando. Mais alguns dias se passaram antes que elas finalmente se revelassem para o roedor.

As três doninhas saíram enfim totalmente da floresta e se achegaram para perto do coelho, perto até demais para o meu gosto. Eu ansiava pela reação dele, fugiria? Ou faria novamente descaso com a própria segurança? Não sei dizer se fiquei frustrado, irritado ou surpreso quando, mesmo com as doninhas coladas nele, ele não se importou. Não havia mais desculpas, ele sabia de sua companhia, provavelmente sabia do risco que corria.

Ou talvez não soubesse. Será que por algum acaso ele não fazia ideia do que poderia acontecer com ele? Ele era tão ingênuo assim?

Com o passar dos dias, as doninhas ficavam cada vez mais à vontade com o animal, imitando seus movimentos e até mesmo acompanhando ele. Começaram então a rodeá-lo, encurralá-lo em um brincadeira maldosa, mas que aos olhos de um filhote, talvez, não passava de um passatempo para uma criatura bonitinha e entediada, sedenta por companhia. Mas quando se está acima na cadeia alimentar que nem eu, as coisas ficam claras logo, apesar de não parecer ser assim para o coelho inocente demais para esse mundo.

Não, isso não era inocência, filhotes são inocentes, e mesmo assim, os progenitores ensinam suas crias a forma certa de sobreviver no mundo, o coelho sabia, eu tinha certeza, todos nós sabemos, ainda assim, ele parecia não ligar. E com isso, a rotina agora trazia para a

vida do coelho três acompanhantes maliciosos, que debochavam dele sem esconder nada e não acontecia nada. Vez ou outra pude notar o coelho se afastando um pouco das doninhas, o vi observando o outro grupo de coelhos, que reforçou a ideia de que eles eram seu bando, mas nunca nem tentou chegar perto deles. A situação era tão incomum, mas ao mesmo tempo tão monótona, que eu cheguei a perder a esperança de um final, eu poderia só ir embora, estava longe e não entendia completamente o que estava acontecendo. Comecei a achar que estava errado. Eu não era e até hoje não sou orgulhoso, se eu errei, não tem problema, ia só seguir meu caminho, sobrevivendo um dia de cada vez.

Mas acontece, que eu não estava errado.

Certa vez, as doninhas, que antes eram apenas companhias observadoras e cochicheiras, resolveram *brincar* de uma forma um pouco mais ousada com seu amigo coelho. Foi tão súbito e tão rápido que eu mal consegui identificar o ato. Enquanto elas corriam em volta dele, realizaram algumas investidas, parecia uma brincadeira de pega, mas então, um guincho estridente foi ouvido e em segundos o coelho sumiu, um vulto branco em direção à floresta. Suas agressoras, porém, se puseram a rir descontroladamente da situação, elas gargalharam a ponto de se contorcer no chão, então cochicharam mais um pouco entre si e depois sumiram na mata assim como o coelho.

Pelo visto elas haviam mostrado as garrinhas, estaria o coelhinho ferido? Talvez agora ele se tocasse e procurasse um outro lugar para se refrescar, talvez as doninhas o seguissem, mas de qualquer forma, era a coisa mais sensata a fazer, pensei. Virei meu olhar para o outro grupo de coelhos ao lado e os observei também.

Eles estavam totalmente indiferentes à situação, como se não tivessem ouvido nada. O guincho de dor do coelho foi ignorado, mesmo tendo chamado atenção até mesmo dos pássaros em volta, que também os encaravam curiosos. Era cada vez mais inusitada a situação, e cada vez menos sem sentido. Eles eram da mesma espécie, porque não estavam se ajudando? Porque eles rejeitaram um deles? Essa é uma pergunta a qual sei que nunca terei uma resposta, pelo menos nenhuma definitiva.

O dia se passou, eu fui embora e, ao retornar no outro dia, mal pisquei enquanto aguardava meu pequeno amigo de pelos brancos retornar. O tempo foi se passando lentamente, e nada. Quando eu já estava perdendo as esperanças, porém, do meio da mata ele saiu, saltitando. A postura ainda era a mesma, indiferença, os movimentos eram despreocupados, a diferença agora era que, suas costas estavam rubras com o sangue agora ressecado. As doninhas realmente o haviam atacado no dia anterior, e ele mesmo assim voltou.

Aquilo era tão frustrante que me irritei e pensei em ir lá embaixo eu mesmo para assustá-lo, fazê-lo ir embora. Mas será que ele iria? Ele aparentava estar desinteressado com a própria sobrevivência, não se importava com ele mesmo, talvez tivesse perdido a noção de sentido. O que leva um ser vivente a desistir de si próprio? Não sei a resposta para essa pergunta, talvez nunca saiba,

Era nada além de revoltante. Passados alguns instantes seus agressores reapareceram, as risadas e as brincadeiras recomeçaram enquanto elas o observavam. O outro grupo de coelhos também apareceu mais tarde e ficaram algum tempo, mas eventualmente foram

embora. Foi então que ele finalmente surgiu, o momento oportuno. O dócil e indefeso coelho estava finalmente só.

Foi muito rápido. Elas foram para cima do coelho pulando e rindo, “brincando” com ele e quando uma delas chegou perto o suficiente, uma simples e confusa investida aconteceu. Ela grudou nas costas dele e a confusão começou. Eles rolavam no chão, guinchados foram escutados e, tão rápida quanto para se prender nele, a doninha o soltou, um sorriso malicioso estampado em sua cara. O coelho, por sua vez, jazia no chão e as pernas sangravam bastante.

As doninhas começaram a conversar entre si, não parecia mais uma zombaria, afinal sua presa já estava abatida, pelo menos, incapacitada de andar. Eu observei a cena, elas não estavam com fome, senão, teriam atacado ele ali mesmo. Uma pena, era desnecessário esse tipo de coisa, parasitar uma vida por dias, feri-la e guardar para uma necessidade que ainda não existia, me fez me perguntar se não faziam isso com outros animais, com quantos já fizeram e com quantos ainda fariam. Era realmente deplorável.

Enquanto elas conversavam, provavelmente decidindo seu próximo passo, resolvi me meter. Qualquer um pode me chamar de qualquer coisa, aproveitador, malicioso, dissimulado, sádico... Mas eu não sou injusto. O pobre coelho não pediu aquilo, ficar na mira de pequenos animais traiçoeiros, sendo tratado como um nada até mesmo por outros de sua espécie. Ele provavelmente tinha um motivo, todos sempre tem, mas não me importava, não fazia isso por ele.

Me aproximei do grupo lentamente, caminhando despreocupado de onde eu estava. Ali não era qualquer

lugar, não era um meio de mato aleatório onde doninhas poderiam fazer o quisessem, serem desrespeitosas. Era um ambiente regrado, *meu* ambiente regrado, até que se provasse o contrário. Ia mostrar isso a elas, de forma boa ou não.

Quando estava a cerca de dois metros da cena, elas me perceberam e me encararam, atônitas. Eu me aproximava a passos curtos olhando para cada uma, sério. Elas falavam entre si, olhavam para o coelho e depois para mim, então falavam um pouco mais. Provavelmente sobre o que fazer agora que eu me aproximava. Mas antes que eu as alcançasse, elas foram embora com o rabo entre as pernas, apavoradas.

Nenhuma das três tentou nada. Elas apenas se viraram e saíram — O certo a se fazer na presença de algo mais perigoso. — Abandonaram sua caça sem nem pestanejar, o que era ainda mais irônico. Me aproximei do coelho e observei em detalhes a situação.

Os ferimentos em suas pernas eram profundos e mancharam a relva verde de vermelho, seu pelo curto, agora de perto era nitidamente falho, e evidenciava sua respiração dificultosa, mas ele não se debatia ou resmungava, estava parado quieto, deitado na grama. Resolvi observar a cara dele, e o que vi me surpreendeu.

Há quem diga que os olhos são a janela para a alma, eu acho o conceito um pouco exagerado, mas admito que muito dá para se perceber ao olhar nos olhos de qualquer um, e com ele não foi diferente. Os olhos negros do roedor exibiam muita coisa. Primeiramente medo, o medo do fim, afinal ninguém nunca quer morrer, então captei um vislumbre de de apatia, era o que o mantinha imóvel, sabendo da infeliz certeza que não tinha mais o que se fazer, ele já havia se

conformado. Ele também olhava diretamente para mim, mas não com surpresa e medo, mas sim com decepção.

Isso também não fazia sentido, como ele poderia estar decepcionado comigo? Ponderei por um momento enquanto era igualmente encarado pelo pequeno animal ferido, então entendi, todo aquele tempo, todos os dias, ele sabia, sabia que eu o observava.

Inacreditável, era isso que o coelho era, ou muito inocente mesmo, ele achou mesmo que eu o iria ajudar, que eu iria intervir. Um erro bobo, mas que custou sua vida.

Ele não prestou atenção, não soube cuidar de si, confiando em um estranho. Ele havia ignorado o básico, nesse mundo, é matar ou ser morto, e eu lutava a cada dia com essa realidade, as doninhas lutavam — De uma forma desprezível, mas lutavam — Ele também devia ter lutado, ter ido atrás dos seus para sobreviver, mas não, se deixou ser aleijado por um outro animal, agora estava ali, deitado na relva verde, reduzido a nada além do que uma carcaça. Era decepcionante.

O olhar de incredulidade do coelho foi de encontro ao meu olhar desaprovador. Ele desviou os olhos de mim e suspirou.

Pois é, você deu mole. — Pensei. — *Mas não acho que mereça ser apenas um estoque. Não se preocupe, vou fazer ser rápido.*

Assim eu o farejei algumas vezes, e acabei com o sofrimento do pobre animal.

Eu observei a Raposa, que durante todo esse tempo, me encarou curiosa enquanto escutava. Depois que terminei a história, ela ficou alguns minutos em silêncio. Mas então ela mesma falou, mesmo que algo tão ridículo.

— Eu não entendi. Aonde quer chegar?

— Honestamente. — Disse logo depois de dar um suspiro. — Eu não esperava outra coisa. — Comecei a descer da rocha e sair.

Já não tinha mais o que falar, já que a Raposa se fazia de ingênua tanto quanto o coelho.

— Ah para com isso. — Disse a Raposa me acompanhando. — Você parou pra pensar em como sua história não faz sentido.

— É o que acha? — A encarei enquanto andava. — Que não faz sentido? Me parece tão simples. O Coelho foi inconsequente e por isso morreu, fim!

Caminhei apressadamente, me afastando do animal, mas ele me seguia tagarelando.

— Ok, o coelho deu mole de não ter percebido a má intenção das doninhas. Mas e daí? Honestamente você falou e falou e não faz sentido. É o ciclo da vida, vivemos e morremos...

— A questão! — Rosnei me virando subitamente e interrompendo a Raposa. — É que aquele coelho me lembra você. Ou você toma cuidado, ou vai terminar como ele. É só isso.

Com as orelhas para trás, ela estava apreensiva. Se afastou um pouco e ficou quieta. Depois que eu também relaxei um pouco a Raposa finalmente falou.

— Então você realmente se importa comigo...

— O que? — Apertei os olhos em desaprovação.

Estava mesmo ouvindo aquilo?

— Não tente se enganar. — Disse começando a andar. — Você fica reafirmando enquanto conta que não liga pro coelho ou para o fim dele, mas ficou até o final, o observando todo dia, esperando que no fundo estivesse errado e ele sobrevivesse. — Um sorriso estampado.

— Não fale besteira, eu respeito o ciclo, só isso. O caso em questão foi curiosidade. — Voltei a andar ultrapassando a Raposa.

— Blá-blá-blá. — A Raposa dizia ao meu lado. — É o mesmo comigo, vive dizendo que não quer minha presença, que eu incomodo e ainda me ameaça, mas nunca fez nada, você gosta da minha companhia.

— Aonde quer chegar?

— Que você se faz de durão mas é como eu. — Parei e olhei para a Raposa incrédulo, estava *mesmo* ouvindo aquilo? — Você diz, é matar ou morrer, morrer ou matar... mas penso que acha isso uma pergunta infeliz, um modo ruim de viver.

— Vê? É aí que a gente difere. — Disse me sentando, a Raposa mimetizando o ato. — Eu não vivo, eu sobrevivo.

— E você está feliz com isso? — Respondeu o canídeo com a cabeça inclinada.

Não respondi na hora, pela primeira vez na vida provavelmente, não tinha palavras. Nunca tinha parado pra pensar nisso, eu apenas vivia a cada dia lutando para repetir o processo. Eu não tive matilha, sempre fui só eu, caçando, sobrevivendo, a ideia de grupo não me passava pela cabeça.

A Raposa sorria pra mim desconcertadamente, ela sabia que tinha me quebrado, sabia que tinha me encurralado e eu teria que admitir a derrota. Enquanto nos encarávamos em silêncio, pude pensar no que ela

havia me falado, talvez eu realmente me importasse, quisesse que o coelho sobrevivesse, afinal, era realmente injusto o que havia acontecido, mas eu não podia fazer nada, nunca pude.

Contradizendo a mim mesmo, não ia admitir a derrota em alta voz, não para a Raposa, não que eu precisasse. Depois de refletir, sim, ela estava certa. As piadas e os comentários dela preenchiam os espaços de vez em quando, e não era de todo ruim a companhia. Gostar era uma palavra muito forte, mas eu não desgostava dela, não verdadeiramente. A parasita se enfiou na minha rotina e se ela saísse talvez eu sentisse falta, honestamente não era como se eu precisasse testar esse fato, então eu não a atacava.

— Você pode ter sobrevivido sozinho esse tempo todo porque estava sozinho. Essa é a vantagem da companhia, você pode viver de verdade. Coelhos devem viver em bandos, aquele não tinha um, doninhas geralmente vivem sozinhas, mas aquelas se juntaram, isso te incomodou, por isso você foi até o final, para tentar se convencer do contrário. Você não viu a mim no coelho, você se viu.

Nos encaramos novamente, ela sem o sorriso maléfico dela na cara, eu também estava neutro.

Maldita Raposa, você tá certa mesmo.

Me virei e comecei a andar para longe, não olhei para trás, nem precisei, antes mesmo de escutar os passos dela na grama sabia que a Raposa já estava me acompanhando.

Ela não se importava com nada, apenas andava ao meu lado, ia para onde eu fosse e ria sozinha, brincava consigo mesma. Talvez um dia eu experimente isso também. Talvez um dia.

Os dias passavam, assim como as noites e bastava uma desatenção e ela sumia, tão rapidamente quanto aparecia novamente. A companhia da Raposa tornava o passar do tempo menos entediante realmente. E aos poucos eu aprendi a gostar dessa companhia.

Até hoje eu me lembro da história do coelho, eu devia sim ter me metido. Eu podia ter feito algo, não fiz e agora isso vai comigo até o fim da minha vida. Não precisava ter acabado daquela forma, minha omissão custou a vida do coelho branco, onde quer que ele esteja, espero sinceramente que esteja bem.

Eu nunca fui a melhor companhia, mas a Raposa queria estar ali, eu resolvi não protestar, afinal de contas, que mal poderia fazer. Nos tornamos viajantes juntos, não apenas lutando para acordar mais um dia, mas aproveitando os pequenos momentos de paz que isso nos proporciona. Espero um dia ter uma chance de me redimir com o coelho, afinal ele não teve culpa por sua situação. Espero um dia poder me corrigir aceitando o fardo do qual uma vez eu fugi.

É engraçado como isso me afeta, certa vez, à noite, estava sozinho em uma clareira e me deitei prestes a dormir. Casualmente olhei para cima e lá estava ela, tão radiante como sempre ela se erguia, como a governante absoluta da noite, sempre que se esvaía o dia, como uma amiga íntima ao alto do monte. Em meus olhos refletidos o seu brilho me chamando, iluminando a noite densa trazendo um novo raiar do sol sobre mim.

Ela que sempre me acompanhou toda noite e que me fazia falta a cada manhã, a única companhia de verdade que tive por anos. Nesse dia eu a encarei, não mais com solidão, mas agradecido, pela companhia de sempre durantes as madrugadas.

Novamente eu pensava no coelho, será que ele também era íntimo da lua como eu? Será que ele a conhecia e ansiava seu retorno durante os dias? Agora essa pergunta nunca teria uma resposta. Mas algum dia eu terei minha nova chance.

Até que esse dia chegue, só me resta seguir em frente e tentar aproveitar minha vida, uma vida de verdade.